



## POLPA PAPÉIS: HÁ 68 ANOS CONTRIBUINDO COM O PAPEL BRASILEIRO

Da fundação em 1958 ao recomeço que reposicionou a companhia no mercado, empresa constrói sua trajetória com base na especialização no papel maculatura, da economia circular, da modernização industrial e de uma relação com as pessoas e o território que transformou a antiga Faxinal das Águas na Vila Polpa

---

POR FERNANDA CAPO  
Especial para *O Papel*

Poucas empresas constroem uma trajetória de desenvolvimento tão sólida a ponto de se tornar uma referência geográfica. Menos ainda veem o próprio nome incorporado à identidade de uma comunidade, atravessando gerações até substituir, no vocabulário cotidiano, a denominação original do lugar onde estão instaladas. Mas é

assim que se traduz em resumo a história da empresa que vamos contar...

Em Santa Cecília, no Planalto Serrano de Santa Catarina, dizer que alguém mora “na Polpa”, trabalha “na Polpa” ou precisa ir “até a Polpa” significa, há décadas, muito mais do que se referir a uma fábrica. A expressão sintetiza uma relação construída





entre indústria, território e pessoas desde 1958, quando a então Polpa de Madeiras iniciou suas atividades na localidade de Faxinal das Águas, a aproximadamente 20 quilômetros do centro urbano do município.

Ao redor da atividade industrial, foram construídas casas para alguns dos primeiros trabalhadores. Com o passar dos anos, outras famílias chegaram, novas residências surgiram e diferentes gerações passaram a compartilhar uma rotina na qual a fábrica não era apenas o local de trabalho, mas também uma presença constante na organização da vida comunitária. Como a empresa se chamava Polpa de Madeiras, a referência foi se tornando natural: morava-se na Vila da Polpa, o acesso levava à Polpa, as famílias viviam na Polpa. O nome original permaneceu nos registros oficiais, entre-



DIVULGAÇÃO POLPA PAPÉIS

**Rita de Fátima Pinto:** “Estar à frente de uma empresa com 68 anos é um privilégio, mas também uma responsabilidade: seguir fazendo, e fazendo bem-feito, para dar perenidade à empresa”

tanto, no cotidiano, Faxinal das Águas já havia se tornado Vila Polpa muito antes de o município reconhecer formalmente essa identidade.

Em 2026, ano em que a companhia completa 68 anos, esse vínculo ganhou uma nova dimensão com a oficialização do nome Vila Polpa. A iniciativa não partiu da própria empresa, mas de uma proposta apresentada no Legislativo municipal, transformando em denominação oficial aquilo que a comunidade já havia consolidado ao longo de décadas. Para **Rita de Fátima Pinto**, diretora da Polpa Papéis, o reconhecimento sintetiza uma história construída por diferentes gerações.

“Recebemos essa homenagem como uma honrosa distinção e como um reconhecimento à história construída com muito trabalho, dedicação e amor. Desde os fundadores, houve uma grande capacidade de realização. Em 1958, os recursos, o acesso e a tecnologia eram muito mais limitados, e ainda assim aquela operação foi iniciada. Ao longo de décadas, esse zelo contribuiu para que as pessoas também se vinculassem à empresa. Há famílias inteiras e até três gerações que trabalharam ou trabalham aqui. Isso ajudou a construir o que temos hoje”, afirma.

É justamente nesse encontro entre passado, presente e futuro que a Polpa chega aos 68 anos. A empresa que começou produzindo pasta mecânica atravessou diferentes ciclos industriais, diversificou produtos, enfrentou dificuldades, teve sua planta arrendada e precisou reconstruir a própria viabilidade antes de chegar à configuração atual: uma operação especializada em papel cartão maculatura, baseada em matéria-prima 100% reciclada, com capacidade nominal de aproximadamente 25,2 mil toneladas por ano, consumo estimado de quase 31,8 mil toneladas anuais de aparas e uma nova etapa de investimentos voltados à qualidade, estabilidade operacional e modernização tecnológica.

Ao mesmo tempo, a fábrica continua inseparável da comunidade formada ao seu redor. A Vila Polpa abriga cerca de 180 moradores, entre eles, aproximadamente 70 colaboradores e seus familiares, e reúne moradias, escola, posto de saúde, igrejas, espaços esportivos, áreas de convivência e iniciativas voltadas ao bem-estar. A companhia também está entre os principais agentes econômicos de Santa Cecília, município catarinense com cerca de 15 mil habitantes, e procura traduzir sua presença local em geração de renda,



Novas casas da Vila Polpa

contratação de serviços, infraestrutura e desenvolvimento humano.

Essa combinação ajuda a explicar por que a história da Polpa não pode ser contada apenas pela evolução de suas máquinas ou pelo volume de papel produzido. A trajetória industrial, as transformações do produto, o conhecimento acumulado por funcionários com décadas de casa e a própria formação da Vila Polpa se cruzam continuamente. Aos 68 anos, a companhia procura construir seu próximo ciclo justamente sobre essa herança.

### Uma história que se tornou parte do território

A Polpa de Madeiras foi fundada em 26 de dezembro de 1958 por Lugindo Dall'Asta e João Santo Damo. A localização no interior de Santa Cecília foi escolhida em função das condições existentes na região, especialmente a disponibilidade de madeira e água e a possibilidade de geração de energia hidrelétrica. A primeira atividade industrial concentrou-se na produção de pasta mecânica, destinada a pequenas fábricas de papel da região.

Nas décadas seguintes, a companhia acompanhou as transformações do mercado e modificou seu portfólio. Em 1974,

iniciou a produção de Papelão Paraná, destinado à fabricação de pratos e embalagens. Entre 1976 e 2007, também atuou com madeira serrada e beneficiada para exportação. A produção de cartão duplex integrou a operação entre 1982 e 1985, seguida pelo cartão utilizado na fabricação de fósforos, entre 1985 e 1990. O papel maculatura entrou nessa história em 1990 e, embora ainda dividisse espaço com outras linhas, se tornaria posteriormente o centro da estratégia da companhia. Em 2005, o cartão acoplado também passou a integrar o portfólio.

Enquanto os produtos mudavam, a comunidade ao redor da fábrica crescia. O desenvolvimento da Vila Polpa foi acontecendo de forma paralela à evolução industrial, com famílias construindo suas histórias em torno de uma empresa que, em muitos casos, empregou pais, filhos e netos. Para Rita, esse vínculo ajuda a dimensionar a responsabilidade de liderar uma companhia com quase sete décadas de trajetória.

“Estar à frente de uma empresa com 68 anos é um privilégio, mas também uma responsabilidade. Existe uma trajetória de superação, muitos ciclos vividos e compromissos adquiridos ao longo do

tempo. Nosso desafio é seguir fazendo, e fazendo bem-feito, para dar perenidade à empresa e continuidade ao trabalho que estamos realizando”, diz a executiva.

Essa continuidade, no entanto, esteve seriamente ameaçada na década passada. Depois de atravessar um período de desafios, a planta industrial foi arrendada em 2013. A empresa acumulava limitações financeiras, restrições de acesso a crédito e uma estrutura que precisava de investimentos. Em meados de 2014, Rita foi chamada pelos antigos sócios para avaliar a situação do negócio. A análise encontrou uma empresa fragilizada, entretanto, com um ativo industrial, um produto com espaço no mercado e, sobretudo, profissionais com conhecimento acumulado e disposição para participar de uma retomada.

A reconstrução não começou com grandes aportes ou uma ampla renovação tecnológica. Ao contrário, os primeiros passos foram dados em um ambiente de escassez. “O maior desafio era a falta de recursos financeiros e de acesso ao crédito. Não tínhamos dinheiro disponível, e os equipamentos estavam bastante sucateados. Nesse cenário, o que fez a diferença foram os recursos humanos. Trabalhamos com a escassez e com aquilo que tínhamos. Apesar das incertezas, a equipe foi ousada e destemida. Houve coragem, muito trabalho e confiança de que, se fizessemos as coisas corretamente e com qualidade, conseguiríamos reconstruir a empresa”, recorda Rita.

Naquele momento, a prioridade era recuperar a capacidade de operar e reconstruir a credibilidade da companhia. Algumas situações dão a dimensão das dificuldades enfrentadas. Parte dos funcionários ainda não possuía conta bancária, o que fazia com que pagamentos fossem realizados em espécie. Em um dos trajetos entre a cidade e a fábrica, o dinheiro destinado aos salários foi roubado. Mesmo assim, segundo Rita, a decisão de não atrasar a remuneração dos colaboradores foi mantida.

“As primeiras decisões foram cuidar das pessoas, priorizar a qualidade do pro-



duto e cumprir os prazos de entrega. Eu dizia à equipe que não haveria atraso salarial, e não houve. Tínhamos muitas dificuldades, porém, precisávamos garantir o básico para as pessoas. Ao mesmo tempo, entendíamos que seria necessário recuperar a credibilidade da empresa. Para isso, tínhamos de entregar um produto de qualidade e cumprir aquilo que havíamos prometido ao cliente”, afirma.

Foi em torno dessa proposta que profissionais que conheciam a operação aceitaram participar da retomada. Alguns haviam deixado a empresa e decidiram voltar. Outros permaneceram mesmo diante das incertezas. Rita destaca que a confiança foi construída sem promessas que a companhia ainda não pudesse cumprir. “Foi uma proposta de trabalho honesta. Eu dizia o que a empresa poderia pagar e deixava claro que não faria promessas que não pudesse cumprir. Talvez ainda não tivéssemos os benefícios que gostaríamos de oferecer, mas trabalharíamos para melhorar as condições. Havia também confiança no produto e na capacidade da empresa de recuperar seu espaço no mercado. As pessoas percebiam a determinação de fazer as coisas de maneira correta e bem-feita”, conta.

A operação foi retomada em fevereiro de 2017, já sob uma nova configuração e com uma decisão estratégica que se mostraria fundamental: a Polpa de Madeiras passaria a atuar como Polpa Papéis e concentraria seus esforços na fabricação de papel maculatura. A reconstrução, porém, seria lembrada também por outro nome. Anos depois, ao observar que 20 profissionais que haviam iniciado aquela jornada ainda permaneciam na empresa, a direção decidiu homenageá-los. Surgia oficialmente o Time do Recomeço.

“O nome veio posteriormente, quando quisemos reconhecer as pessoas que trabalharam em um período de grande escassez e se esforçaram para que saíssemos daquela dificuldade. Fizemos uma celebração com os colaboradores e suas famílias e marcamos uma nova etapa na história da Polpa. Era importante que eles percebessem que a superação da em-

presa também era a superação de cada um deles”, afirma Rita.

A lembrança continua presente entre profissionais que participaram daquele período. **Luciana Baldo**, consultora com 35 anos de história ligada à companhia, resume a transformação como a capacidade de mudar sem abandonar os princípios que sustentaram a relação entre a empresa e as pessoas.

“A Polpa soube se reinventar sem perder seus valores. Sua história é feita de esforço, trabalho, coragem, inovação e, principalmente, muito respeito às pessoas”, afirma.

O Recomeço também marcou uma mudança na forma de combinar conhecimento. Em uma fábrica com funcionários que acumulavam décadas de experiência, a chegada de novos profissionais e de competências técnicas formais despertou dúvidas. Alguns trabalhadores se perguntavam se ainda haveria espaço para quem havia aprendido a profissão na prática. Para Rita, o desafio estava justamente em aproximar esses dois universos.

“Quando começamos a trazer engenheiros e pessoas com formação acadêmica, alguns colaboradores perguntavam qual seria o espaço deles. Eu dizia que precisávamos unir os conhecimentos. Os profissionais que estavam aqui possuíam uma experiência que o jovem engenheiro

ainda não tinha, enquanto o engenheiro trazia conhecimentos que poderiam complementar aquela experiência. O grande desafio foi fazer essas competências somarem”, afirma.

A mesma lógica continuaria guiando a etapa seguinte. Recuperar a operação era essencial, mas não suficiente. Para voltar ao mercado de forma competitiva, a companhia precisava definir não apenas como produzir, mas aquilo em que pretendia se tornar referência.

### Do recomeço à especialização

A resposta veio pela especialização. A partir de 2017, a Polpa concentrou sua estratégia no papel cartão maculatura e começou a aprofundar conhecimento técnico, controles de processo, desenvolvimento de produtos e relacionamento com clientes em torno de um segmento específico. A decisão partiu da percepção de que o produto, embora muitas vezes pouco visível para o consumidor final, exerce uma função importante em diversas cadeias industriais.

“Percebemos que o nosso produto é um componente importante no processo produtivo dos clientes. Eles precisam de eficiência e estabilidade. Não podem receber uma carga com determinado desempenho e a seguinte com um comportamento completamente diferente.



DIVULGAÇÃO POLPA PAPIERS

Luciana Baldo, consultora: “O maior legado da Polpa não está apenas na produção de papel, mas nas vidas que ajudou a transformar”



Entendemos que tínhamos uma função relevante na cadeia e decidimos nos tornar especialistas nesse segmento. Não é possível ser especialista em muitas coisas ao mesmo tempo. Escolhemos o papel maculatura”, explica Rita.

Produzido com base em aparas, o papel maculatura da companhia é utilizado principalmente na fabricação de tubos, tubetes, barricas, cones e outras aplicações industriais. No mercado tissue, está presente no tubo que serve de base para produtos como papel higiênico e papel toalha. Em outras configurações, pode atender tubetes mais pesados, barricas destinadas ao armazenamento e transporte de diferentes produtos, cones e aplicações técnicas que exigem níveis elevados de resistência.

Para **Ritchaderson Michaltchuk**, gerente comercial e profissional com uma trajetória de 22 anos ligada à Polpa, a relevância do produto está justamente na combinação entre desempenho técnico, custo e circularidade.

“O papel maculatura desempenha um papel estratégico na cadeia produtiva, porque reúne três atributos essenciais: desempenho técnico, competitividade e sustentabilidade. Esses fatores precisam caminhar juntos”, afirma.

A operação trabalha com gramaturas que partem de aproximadamente 130 g/m<sup>2</sup> e podem chegar a cerca de 430 g/m<sup>2</sup>, con-

forme a aplicação. Do volume comercializado, aproximadamente 30% atende ao segmento tissue, cerca de 5% é direcionado a aplicações técnicas e aproximadamente 65% segue para tubos pesados, barricas, cones e outros usos intermediários.

À primeira vista, essa diversidade poderia parecer uma simples variação de espessura. Na prática, cada aplicação exige um conjunto específico de propriedades. Alguns parâmetros são básicos para todo o portfólio, como gramatura, espessura e umidade, mas os critérios de desempenho mudam conforme o uso final.

No segmento tissue, uma das principais exigências é o baixo teor de cinzas. O motivo está diretamente relacionado à operação dos convertedores. Depois da fabricação do tubo e da aplicação do papel tissue, linhas de alta velocidade utilizam sistemas de corte que podem sofrer desgaste quando o papel contém níveis elevados de materiais minerais. Como a Polpa trabalha com matéria-prima reciclada, as aparas podem carregar areia e outros contaminantes ao longo de sua vida anterior, tornando a eficiência da limpeza da fibra um elemento decisivo.

Já em aplicações técnicas, uma das propriedades centrais é a delaminação, que mede a resistência entre as camadas que formam o papel. Como a máquina utiliza um processo de formação em camadas, a capacidade de manter essa

estrutura unida torna-se determinante para o desempenho final. Em tubos pesados, barricas e cones, ganham importância e atributos como resistência mecânica e tração nos sentidos longitudinal e transversal. A colagem, medida por testes específicos como o Cobb, também varia conforme o cliente, o processo de conversão, a região e as condições climáticas em que o material será utilizado.

“Parece que os produtos são todos iguais, mas não são. Cada cliente possui uma ficha técnica específica. Alguns precisam de uma colagem mais fechada, outros de uma característica mais aberta. Existem tolerâncias diferentes para gramatura, umidade e outras propriedades. Estamos muito direcionados à customização”, explica **Rinaldo Torrecilhas**, gerente industrial.

Essa lógica vale tanto para o mercado doméstico quanto para exportações. A Polpa atende a clientes no Brasil e em outros países do Mercosul, contudo, as diferenças de especificação estão menos relacionadas à fronteira geográfica do que à aplicação final do produto. Um papel destinado ao tissue continuará exigindo controle de cinzas, independente do país de destino; uma aplicação técnica continuará demandando resistência à delaminação; e um tubo pesado precisará atender aos parâmetros de resistência determinados pela operação do cliente.

A especialização também abriu espaço para identificar novas possibilidades de uso. Além dos tubos e tubetes tradicionais, a empresa observa oportunidades em acessórios, envoltórios, cantoneiras e estruturas de papel capazes de substituir, em determinadas aplicações, componentes feitos de plástico ou metal. O movimento amplia a visão sobre um produto que costuma permanecer escondido dentro de outros produtos e que, por isso, nem sempre é percebido pelo consumidor.

Ritchaderson conta que a própria companhia busca aproximar os colaboradores do destino final do papel produzido. Periodicamente, a equipe comercial mostra aos funcionários exemplos de produtos nos quais o maculatura está

DIVULGAÇÃO POLPA PAPÉIS



**Ritchaderson Michaltchuk:** “O papel maculatura desempenha um papel estratégico na cadeia, porque reúne três atributos essenciais: desempenho técnico, competitividade e sustentabilidade”





**Rinaldo Torrecilhas:** “Neste momento, estamos buscando qualidade e estabilidade, não volume. Primeiro precisamos estabilizar o processo; depois, poderemos acelerar o crescimento produtivo”

presente, estimulando-os a identificar no mercado aquilo que ajudaram a fabricar.

A ideia é criar uma conexão entre uma atividade que acontece dentro da fábrica e o cotidiano do consumidor. Um tubo presente em um rolo de papel higiênico, uma barrica, um cone ou um componente de embalagem carrega uma matéria-prima que passou pela operação de Santa Cecília, mesmo quando o nome da Polpa não aparece no produto final.

Essa especialização trouxe uma consequência direta: quanto maior o conhecimento sobre as necessidades dos clientes, maior a exigência sobre o controle do processo. Em uma fábrica que utiliza matéria-prima 100% reciclada, esse desafio começa antes mesmo da entrada das aparas na linha de produção.

A companhia consome anualmente quase 31,8 mil toneladas de aparas para sustentar uma capacidade nominal de aproximadamente 25,2 mil toneladas de papel. O material chega de diferentes origens e apresenta variações relacionadas à região, ao sistema de coleta, à classificação e ao nível de contaminantes. Uma carga proveniente de Santa Catarina pode ter características diferentes de outra adquirida no Paraná, no Rio Grande do Sul ou em São Paulo.

A compra, portanto, precisa equilibrar qualidade, custo e disponibilidade. As aparas são classificadas em diferentes ca-

tegorias e combinadas em receitas específicas conforme o papel que será produzido. O controle começa no recebimento, com amostragem, medição de umidade e classificação visual. A empresa também estruturou procedimentos para identificar contaminantes e materiais considerados proibitivos.

Um dos mecanismos implantados é uma mesa de amostragem que permite avaliar o interior dos fardos, reduzindo a possibilidade de uma carga ser classificada em uma categoria superior à sua qualidade real ou conter materiais escondidos entre as aparas. Quando são encontradas não conformidades, o fornecedor

é acionado e são abertas tratativas pelas áreas responsáveis.

Parte das amostras segue também para análises laboratoriais. O teor de cinzas das aparas, por exemplo, ajuda a definir o direcionamento da matéria-prima, especialmente quando o produto final será destinado ao mercado tissue. Durante a produção, novas análises verificam umidade, teor de cinzas, delaminação, resistência e outras propriedades.

O controle continua na formulação da receita. Conforme a ficha técnica do cliente, a empresa pode combinar diferentes proporções das classes de aparas para alcançar o desempenho necessário.

“Não cuidamos apenas da matéria-prima que entra. Existe também uma seleção no momento de sua utilização. Conforme a especificação técnica do cliente, desenvolvemos uma receita com diferentes proporções de aparas. Esse controle ocorre tanto na recepção quanto na dosagem da matéria-prima”, explica Torrecilhas.

A certificação FSC® de cadeia de custódia acrescenta uma camada de rastreabilidade à operação. Segundo a companhia, o sistema permite acompanhar a origem do material e relacionar o produto fabricado aos fornecedores das aparas utilizadas.

Para **Roseneide Regina de Lima Prandi**, gerente administrativa e financeira, o controle ganhou ainda mais re-



**Roseneide Regina de Lima Prandi:** “O sucesso da fábrica não ocorre separado do bem-estar das pessoas. Por isso, buscamos produtividade e felicidade”

levância diante da crescente exigência ambiental das cadeias de suprimento.

“A rastreabilidade traz segurança para a cadeia e uma tranquilidade importante para o relacionamento comercial. Hoje, conseguimos identificar a origem da matéria-prima utilizada em um produto e acompanhar seu percurso a partir dos fornecedores. Em um ambiente no qual as questões ambientais são cada vez mais relevantes, esse controle faz diferença”, afirma.

Essa lógica também traduz a dimensão mais direta da economia circular na operação. O material que chega à fábrica já cumpriu uma primeira função, foi descartado, coletado e separado. Em vez de seguir para disposição final, retorna ao processo produtivo e ganha uma nova vida como papel. Depois de utilizado, dependendo da aplicação e das condições de coleta, poderá novamente entrar em outra cadeia de reciclagem.

“A Polpa participa de uma economia circular de ponta a ponta. Recebemos um material reciclado e produzimos um novo papel que poderá novamente ser reciclado. Quando crianças e jovens visitam a fábrica e entendem esse processo, passam a perceber por que separar corretamente o papel faz diferença”, observa Roseneide.

Para Rita, a circularidade precisa ser entendida também sob a perspectiva econômica. Sustentabilidade, em sua visão, depende da capacidade de gerar valor suficiente para manter a operação e financiar novos avanços. “A conexão está na utilização adequada dos recursos, na reutilização e na geração de valor. Sem renda, resultado e capacidade de reinvestimento, uma empresa não consegue ser sustentável no longo prazo. Precisamos usar os recursos de forma responsável e, ao mesmo tempo, transformar esse trabalho em valor para que o ciclo continue”, afirma.

Foi justamente para elevar o controle sobre a matéria-prima e a estabilidade do papel que a Polpa direcionou um de seus principais investimentos recen-

tes à preparação de massa. A modernização modificou a lógica de limpeza da fibra e introduziu uma sequência de etapas voltadas à remoção progressiva de contaminantes antes que a massa chegue à máquina de papel.

### Novo preparador de massa

O processo reúne desagregação, depuração grossa, seleção e limpeza fina. Em cada estágio, determinados materiais são retirados: elementos maiores, como pedras, grampos e cliques, são separados nas etapas iniciais; fragmentos menores de plástico são removidos em outras fases, e a limpeza fina ganha importância especial na retirada de areia.

“O que buscamos é um efeito cascata de limpeza da fibra. Em cada etapa, retiramos determinado tipo de contaminante. Uma das principais características que queríamos melhorar era o teor de cinzas, especialmente pela remoção de areia, para que a massa chegasse mais limpa à máquina”, explica Torrecilhas.

A meta é reduzir níveis de cinzas que anteriormente podiam ficar na faixa de 5,5% a 6% para patamares próximos de 2% a 3%, ampliando a capacidade de atender às exigências do segmento tissue. A melhoria na limpeza também oferece

maior flexibilidade para utilizar diferentes categorias de aparas, com potencial de redução estimado em aproximadamente 7% no custo desse insumo.

O ganho, porém, não se limita à qualidade da fibra ou ao custo da matéria-prima. A modernização introduziu controles de consistência em diferentes pontos da preparação, permitindo que a massa chegue à máquina de forma mais estável. Em uma linha contínua, variações de consistência podem se traduzir em oscilações de gramatura, instabilidade e maior incidência de quebras.

“Ao controlar a consistência em diferentes etapas, ganhamos estabilidade. Isso se reflete na variação de gramatura, na redução de quebras e no comportamento da máquina. O projeto reúne três grandes objetivos: reduzir o teor de cinzas, aumentar a flexibilidade e a eficiência no uso das aparas e melhorar a estabilidade do processo”, resume o gerente Industrial.

A mudança é particularmente significativa para quem acompanhou a fábrica em períodos em que boa parte das atividades dependia de esforço manual. **Joel Ribeiro de Souza**, coordenador de produção há 27 anos, viu a operação atravessar uma longa transformação.



Etapas de preparação de massa e purificação das fibras após novo investimento

DIVULGAÇÃO POLPA PAPIER





Joel Ribeiro de Souza: “A Polpa faz parte da história da minha família: meu pai trabalhou e se aposentou aqui, eu estou há 27 anos e hoje tenho três filhos na empresa”

“Quando comecei, muitas atividades eram completamente manuais. Hoje, temos uma preparação de massa muito mais moderna, uma nova caldeira, tombador e equipamentos elétricos para movimentação de materiais. As mudanças trouxeram ganhos de produtividade, qualidade e, principalmente, segurança”, afirma.

A mecanização reduziu a necessidade de esforços físicos em atividades como a movimentação de materiais. Melhorias em proteções e sistemas da área de secagem também contribuíram, segundo Joel, para reduzir riscos e eliminar situações que anteriormente provocavam acidentes.

Na manutenção, a evolução tecnológica mudou não apenas os equipamentos, mas também as competências necessárias para garantir a disponibilidade de uma fábrica que opera 24 horas por dia, em quatro turnos de revezamento.

**Andre Fernando Baldo**, mecânico líder de manutenção, destaca que a confiabilidade depende de uma rotina permanente de inspeção e planejamento.

“O principal desafio é manter a manutenção em dia. Temos rotas de inspeção e um profissional realiza diariamente o acompanhamento dos equipamentos. Aquilo que pode ser corrigido com a máquina em operação é tratado imediatamente; o restante é programado. O obje-

tivo é antecipar problemas e manter toda a cadeia funcionando”, explica.

Em uma máquina de papel, observa Andre, nenhuma etapa opera isoladamente. A preparação da massa, a formação, a prensagem, a secagem e o acabamento precisam funcionar de maneira sincronizada. “Tudo precisa trabalhar como um relógio. Quando um ponto falha, todo o processo sente o efeito”, afirma.

A nova preparação de massa é considerada por ele um dos principais saltos tecnológicos recentes da fábrica. A automação do sistema amplia o controle sobre a matéria-prima e tende a repercutir em diferentes etapas posteriores.

“Para a Polpa, é uma inovação muito importante. O processo foi amplamente automatizado e deverá trazer melhorias na preparação da massa, na refinação, na formação e, consequentemente, na qualidade do papel”, diz.

Os investimentos também chegaram à geração de vapor e energia. A empresa instalou uma nova caldeira e gera atualmente cerca de 80% da eletricidade que utiliza por meio de geração hidrelétrica própria, com capacidade da ordem de 1,8 MW. A relação com a energia acompanha a própria origem da fábrica, cuja localização já havia considerado, em 1958, a possibilidade de aproveitar os recursos hídricos disponíveis.

A modernização industrial, no entanto, ainda está em curso. Depois de estabilizar a preparação de massa, a companhia pretende avançar sobre a parte úmida da máquina. Entre os projetos estudados estão melhorias nos elementos de desaguamento, nas formas e nos *manifolds*, com o objetivo de aperfeiçoar os perfis transversais de gramatura, umidade e espessura. Outra frente envolve os acionamentos da máquina, substituindo gradualmente sistemas mecânicos mais antigos por soluções com inversores de frequência e controles capazes de aumentar o sincronismo entre as diferentes seções. Intervenções em cilindros secadores e sistemas de transmissão também estão no radar.



Andre Fernando Baldo: “Hoje, já fazemos um papel de qualidade e temos o respeito do mercado. Vamos melhorar ainda mais aquilo que fazemos de melhor”

A prioridade, porém, não é simplesmente acelerar a máquina. “Neste momento, estamos buscando qualidade e estabilidade, não volume. Primeiro precisamos organizar o processo, entregar uma qualidade consistente e estabilizar a operação. Depois disso, poderemos fazer uma rampa de crescimento produtivo”, afirma Torrecilhas.

A frase sintetiza uma lógica que se repete na história recente da Polpa. Antes de crescer, a empresa procura consolidar a base sobre a qual esse crescimento ocorrerá. Esse movimento também exigiu transformar conhecimento acumulado em processos capazes de sobreviver à troca de pessoas e às mudanças de geração. A certificação ISO 9001:2015 tornou-se um dos instrumentos dessa transição.

Para Torrecilhas, a principal contribuição da certificação está na padronização e na disseminação do conhecimento. “A certificação não deve ser vista como burocracia. Ela coloca método, cria direcionamento e ajuda a retirar o conhecimento de uma concentração excessiva em poucas pessoas. Em empresas menores, é comum ouvir que somente determinada pessoa sabe fazer uma atividade. Com a padronização, o conhecimento passa a ser disseminado por todas as etapas do processo”, explica.

O processo inclui desde o recebimento das aparas e a preparação de massa até formação, prensagem, secagem, enrolamento, rebobinamento, acabamento e expedição. As práticas são documentadas a partir da própria experiência de quem executa as atividades, mas deixam de depender exclusivamente da presença daquele profissional. “A fábrica precisa estar viva independentemente de quem esteja em determinado posto. O processo tem de continuar fluindo da melhor maneira possível”, afirma.

A profissionalização não elimina a experiência de quem construiu sua carreira dentro da operação. Ao contrário, a empresa procura transformar essa me-

mória industrial em conhecimento compartilhado. É nesse ponto que a história das máquinas volta a se encontrar com a história das pessoas.

### Uma fábrica construída por pessoas

Uma fábrica que opera há quase sete décadas não é de forma alguma construída apenas por máquinas, equipamentos e investimentos. Parte importante de sua capacidade está nas pessoas que aprenderam a interpretar o comportamento da matéria-prima, reconhecer os sinais dos equipamentos, antecipar problemas e transmitir aquilo que sabem às gerações seguintes. Na Polpa, essa continuidade é visível no tempo de casa de alguns profissionais e também nos sobrenomes que se repetem ao longo da história da empresa.

“A Polpa faz parte da história da minha família. Meu pai trabalhou e se aposentou aqui, eu estou há 27 anos na empresa e hoje tenho três filhos trabalhando na companhia”, afirma.

A própria trajetória de Joel acompanha a transformação da fábrica. Ele entrou em funções operacionais e, ao longo dos anos, evoluiu até chegar à coordenação de Produção. Ao mesmo tempo, viu a operação substituir atividades manuais

por equipamentos automatizados, ampliar controles, modernizar a caldeira, investir em segurança e elevar a qualidade do papel. “Eu também evolui junto com a empresa”, resume.

“As casas eram de madeira. Hoje temos residências de alvenaria, espaços organizados e uma vila completamente diferente. É admirável olhar para o que foi feito. Foi um lugar onde crescemos e vivemos. A primeira empresa em que trabalhei foi a Polpa e, depois de um período fora, retornei”, conta.

**José Alair Moreira**, mecânico de manutenção, soma 36 anos de casa e é o funcionário mais antigo entre os entrevistados. Sua trajetória atravessou diferentes fases industriais, gestores, equipamentos e tecnologias. Para ele, permanecer por tanto tempo em uma mesma companhia se tornou algo cada vez mais raro, mas também permitiu acompanhar uma evolução que dificilmente poderia ser percebida de fora.

“São muitos anos dentro de uma empresa. Quando olho para trás, vejo quantos equipamentos, processos e pessoas mudaram ao longo dessa trajetória. Tenho orgulho de ter acompanhado essa evolução”, afirma.

Na Vila Polpa, a ligação entre trabalho e vida cotidiana amplia ainda mais essa



José Alair Moreira: “Os funcionários estando bem, a empresa continua bem”



relação. Atualmente, cerca de 70 colaboradores vivem no local com suas famílias, totalizando aproximadamente 180 moradores. A comunidade reúne estruturas que foram sendo desenvolvidas ao longo dos anos, entre elas, escola, posto de saúde, igrejas, salão de festas, áreas esportivas, academias, espaços de convivência, Clube de Mães Dona Aurélia, Espaço Kids e horta comunitária.

Gerir uma comunidade formada por diferentes famílias, gerações, crenças e turnos de trabalho exige organização. A empresa mantém um regulamento de convivência que trata do uso dos espaços coletivos e de questões do cotidiano, buscando estabelecer parâmetros comuns para os moradores.

“Fazer a gestão de uma vila com tantas pessoas é desafiador porque existem diferentes culturas, religiões, famílias e turnos de trabalho. O regulamento foi uma forma de estabelecer parâmetros de convivência e respeito aos espaços coletivos”, explica Roseneide.

A oferta de moradia também segue critérios. A disponibilidade das casas e o tempo de empresa estão entre os aspectos considerados, além de situações específicas relacionadas a funções estratégicas. Para os moradores, a estrutura inclui a residência e despesas como água e energia.

Nos últimos anos, a companhia avançou em um projeto de substituição progressiva das antigas casas de madeira por novas unidades de alvenaria. O plano prevê 35 novas moradias, das quais 15 já foram concluídas. Outras 20 fazem parte das etapas seguintes.

As casas foram projetadas com garagem, churrasqueira, calçadas e uma implantação que procura oferecer privacidade entre os vizinhos. Até a posição das garagens foi considerada para evitar que uma residência fique diretamente voltada para a outra. “Tudo foi pensado para proporcionar conforto e também facilitar a gestão. Quando fazemos algo aqui, procuramos perguntar se aquilo será bom para as pessoas. Isso não

é um trabalho isolado; faz parte da nossa cultura”, afirma Roseneide.

Para Rita, a entrega das primeiras casas mostrou como uma decisão de infraestrutura pode repercutir na percepção das pessoas sobre o próprio futuro. “As pessoas se sentiram valorizadas. Para algumas, era a primeira vez que entravam em uma casa nova. Foi bonito acompanhar essa alegria e perceber que as famílias também passaram a enxergar com mais confiança o projeto de crescimento da empresa. As casas mostravam, de forma muito concreta, que queríamos crescer com essas pessoas”, afirma.

Essa visão de cuidado também ultrapassa os limites do quadro de funcionários. Um exemplo é a Casa dos Motoristas, criada depois que a empresa percebeu as condições enfrentadas por caminhoneiros que precisavam aguardar processos de carregamento ou descarregamento em uma fábrica localizada no interior.

O espaço oferece sala, quarto, banheiros feminino e masculino, micro-ondas, internet, máquina de lavar roupas e uma varanda com rede. A proposta é permitir que o período de espera aconteça em condições mais adequadas, inclusive quando o motorista está acompanhado por um familiar.

“Observamos o desconforto de quem precisava esperar do lado de fora do portão. Criamos uma estrutura para que, enquanto aguardasse, esse motorista tivesse um ambiente digno e confortável. Não é uma solução complexa. O mais difícil, muitas vezes, é perceber a necessidade”, diz Roseneide. É nesse contexto que ela sintetiza uma diretriz da empresa: “O sucesso da fábrica não se separa do bem-estar das pessoas. Por isso, buscamos produtividade e felicidade.”

A ideia também está na origem do Projeto Saber Viver, criado em 2019 para reunir iniciativas de saúde, conhecimento, qualidade de vida, convivência e desenvolvimento humano. O nome parte do entendimento de que ampliar o acesso

à informação e a novas experiências pode transformar a forma como as pessoas fazem escolhas.

“Pensávamos que, muitas vezes, alguém vive de determinada maneira porque não conhece outras possibilidades. Mudar hábitos e cultura não é fácil. Por isso, entendemos que precisávamos oferecer conhecimento”, explica Rita.

O projeto abrange diferentes dimensões. Na educação, a empresa incentiva a continuidade dos estudos e apoia parte dos custos de formação de colaboradores. O desenvolvimento, entretanto, não se restringe ao ensino formal. A companhia promove palestras, leituras e atividades voltadas ao desenvolvimento das lideranças. Entre os temas já trabalhados está a comunicação não violenta, utilizada em encontros de estudo com gestores.

O Clube de Mães Dona Aurélia surgiu como um espaço de convivência, aprendizagem e socialização. Apesar do nome, as atividades são abertas às mulheres da comunidade independentemente de serem mães. Artesanato, leitura, oficinas e encontros informais fazem parte da programação.

“Percebemos a importância de criar um espaço para que essas mulheres pudessem socializar, aprender, experimentar novas atividades e simplesmente se encontrar. Às vezes, o encontro é para uma oficina; em outras, para um café e uma conversa. O vínculo social também é parte da qualidade de vida”, explica Roseneide.

O Espaço Kids integra a mesma lógica de apoio às famílias, contribuindo para reduzir situações em que o cuidado com as crianças poderia dificultar a permanência dos responsáveis, especialmente das mulheres, no trabalho ou em outras atividades.

A horta comunitária, por sua vez, foi pensada não apenas como fonte de alimentos, mas como espaço de convivência. Em vez de simplesmente produzir para os moradores, a empresa procura envolvê-los no plantio e no cuidado com o espaço.

### Horta comunitária

“A horta foi colocada em um local estratégico para que as pessoas participassem. Não queremos simplesmente plantar para elas. Convidamos os moradores para preparar, cultivar e cuidar juntos. Isso estimula a alimentação saudável e também o convívio social e a troca de conhecimentos entre gerações”, afirma Roseneide.

Um episódio ocorrido durante um dos mutirões mostrou como esse objetivo pode se concretizar de maneiras inesperadas. Ao perceber que um jovem não sabia utilizar uma enxada, o pai começou a ensiná-lo. Para Roseneide, o momento mostrava que a atividade não era apenas sobre produzir alimentos, mas também sobre transmitir conhecimentos que poderiam deixar de circular entre as gerações.

A alimentação saudável é incentivada também pela distribuição periódica de frutas aos colaboradores, prática mantida há vários anos. Na atividade física, a companhia disponibiliza academia e estimula a participação em iniciativas como as Corridas do Bem, promovidas pelo SESI.

A adesão à academia não foi imediata. Durante um período, poucas pessoas utilizavam o espaço, levando a própria liderança a questionar se a iniciativa fazia sentido. Aos poucos, porém, a participação em corridas e o envolvimento dos próprios funcionários começaram a modificar esse comportamento.

“No início, chegamos a questionar se deveríamos manter a academia porque poucas pessoas utilizavam. Depois, a

participação nas Corridas do Bem começou a crescer. Vimos colaboradores se envolverem, perderem peso, melhorarem a saúde e levarem a família para participar. É uma transformação que acontece gradualmente”, afirma Rita.

Campanhas de saúde, vacinação, atividades educativas e estímulo à redução da geração de resíduos também fazem parte do conjunto de iniciativas. Para Rita, todas se conectam ao propósito definido pela companhia: “Nosso papel é fazer um mundo melhor.” A frase, reconhece Rita, é ambiciosa, mas ganha significado quando traduzida em decisões concretas.

“Quando falamos em fazer um mundo melhor, não estamos falando de um mundo perfeito. Estamos falando do mundo que está ao nosso alcance. Podemos melhorar o ambiente de trabalho, a casa de uma família, a saúde de uma pessoa ou uma condição de segurança. São pequenas ações que tornam o mundo de alguém melhor e que, somadas, podem produzir algo maior”, afirma.

A transformação da Vila Polpa também pode ser medida por algo que hoje parece banal: o acesso à internet. A conectividade chegou à comunidade por volta de 2011, em uma parceria apoiada pela empresa. Até então, a comunicação dependia de rádio, do telefone fixo da fábrica e, posteriormente, de um telefone público. Para resolver muitas questões, era necessário percorrer aproximadamente 20 quilômetros até o centro de Santa Cecília.

A chegada da internet aproximou famílias, ampliou o acesso às informações, abriu possibilidades de ensino à distância e, anos depois, tornou-se essencial para serviços bancários e inúmeras atividades cotidianas. “A internet foi uma mudança de padrão para a comunidade. Aproximou as pessoas de familiares, ampliou o acesso às informações e abriu possibilidades de estudo. Hoje, também é uma ferramenta essencial para diferentes serviços e para a própria atração e retenção de profissionais”, afirma Roseneide.

A conectividade ganhou ainda mais relevância com a chegada de novas gerações ao mercado de trabalho. Para uma fábrica localizada em área rural, oferecer condições de vida compatíveis com as expectativas de profissionais e suas famílias passou a ser também uma questão estratégica.

Essa lógica se repete em diferentes investimentos realizados ao longo do tempo. Na Vila Polpa, frequentemente a mesma infraestrutura que melhora a operação industrial também modifica a vida da comunidade.

### Crescimento mútuo

Santa Cecília tem uma população estimada em cerca de 15 mil habitantes e uma economia na qual a Polpa ocupa uma posição relevante. Segundo informações da companhia, a empresa figura entre as maiores geradoras de valor adicionado do município e ocupa a terceira posição entre aproximadamente 2 mil empresas locais.

Para Rita, essa presença traz uma responsabilidade proporcional à importância que uma indústria pode assumir em uma cidade de pequeno porte. “A contribuição aparece na geração de renda, no retorno econômico para o município e também no estímulo ao desenvolvimento humano. Há 30 anos a Polpa já incentivava pessoas a fazer faculdade, e continuamos estimulando esse desenvolvimento. Para uma empresa crescer em uma cidade pequena, é necessário que as pessoas e a comunidade também tenham condições de crescer”, afirma.

A empresa procura priorizar, sempre que possível, fornecedores e prestadores de serviços locais. Em alguns casos, esse relacionamento envolve orientar pequenos em-



Horta Comunitária da Vila Polpa



preendedores para que se organizem e consigam atender a demandas maiores. Pequenos aparistas da região estão entre os exemplos.

“Procuramos fortalecer os empresários locais para que consigam se estruturar e ampliar sua capacidade. Quando um fornecedor da região cresce e se profissionaliza, essa evolução também retorna para a economia do município”, diz Roseneide.

A cadeia de aparas amplia esse impacto. Antes de chegar à fábrica, o papel descartado precisa ser coletado, separado, classificado e comercializado. Isso movimenta empresas, cooperativas, pequenos fornecedores e pessoas que encontram na reciclagem uma fonte de renda.

Para Rita, essa dimensão ganha ainda mais importância ao considerar a presença feminina entre as pessoas que atuam na coleta de materiais recicláveis e as dificuldades adicionais que muitas mulheres enfrentam para conciliar trabalho e responsabilidades familiares.

A própria Polpa passou por uma transformação em sua composição interna. Quando Rita assumiu a gestão, as mulheres representavam aproximadamente 8% do quadro. Atualmente, correspondem a cerca de 32%, e a meta da empresa é chegar a 40%.

A mudança incluiu a entrada de mulheres em funções historicamente ocupadas por homens e acompanhou a presença de uma liderança feminina em um setor industrial ainda predominantemente masculino.

“Foi um grande desafio entrar em um setor muito masculino. Eu acredito no trabalho feminino e na capacidade das mulheres de atuar em todas as áreas em que tenham competência e preparação. Ao mesmo tempo, gosto de trabalhar com bons profissionais, homens e mulheres. Nosso objetivo é ampliar oportunidades”, afirma Rita.

A ampliação da participação feminina também exige, na visão da empresa, estruturas que permitam uma maior conciliação entre vida profissional e familiar. Iniciativas como o Espaço Kids e as ações voltadas às mulheres da Vila Polpa se conectam a esse propósito.

A companhia definiu ainda quatro Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas como áreas prioritárias de contribuição: igualdade de gênero; água potável e saneamento; trabalho decente e

crescimento econômico; e indústria, inovação e infraestrutura.

Na prática, parte dessa agenda já aparece na própria relação entre a empresa e a região. O investimento de R\$ 430 mil realizado na rede elétrica da Celesc, por exemplo, nasceu da necessidade de suportar a modernização industrial e garantir maior estabilidade no fornecimento de energia. Depois de concluída, a infraestrutura foi doada à concessionária.

A manutenção da estrada de acesso segue uma lógica semelhante. Como existe uma única ligação rodoviária entre a fábrica, a vila e as demais áreas da região, as condições da via interferem diretamente na logística industrial e na vida dos moradores. A empresa investe anualmente na aquisição de pedras e na conservação do trecho.

Mais recentemente, a Polpa participou de uma mobilização com empresários, produtores rurais e moradores da região para viabilizar um projeto de pavimentação. O grupo começou mapeando a produção, a renda e a população distribuídas ao longo dos aproximadamente 20 quilômetros de acesso. A iniciativa privada financiou a elaboração do projeto de engenharia e posteriormente o doou à prefeitura. A expectativa é que a pavimentação avance em 2027, com participação do município e do programa Estrada Boa Rural, do governo estadual.

“Entendemos que, se aguardássemos apenas a execução de todas as etapas pelo poder público, o processo poderia levar muitos anos. A iniciativa privada se organizou para financiar o projeto técnico e entregá-lo pronto à prefeitura. Agora, temos a perspectiva de um acesso pavimentado, o que será uma contribuição importante para toda a região”, afirma Roseneide.

A iniciativa exemplifica uma característica presente em diferentes decisões tomadas pela companhia: as necessidades da fábrica e da comunidade frequentemente se encontram no mesmo território. A estrada é essencial para o transporte de matérias-primas e produtos, bem como para a mobilidade das famílias. A internet contribui para reter profissionais e, ao mesmo tempo, amplia

o acesso à educação e aos serviços. A melhoria da rede elétrica permite incorporar novos equipamentos industriais, além de fortalecer a infraestrutura regional.

O mesmo princípio aparece nas ações sociais apoiadas pela empresa. A Polpa mantém relacionamento com iniciativas ligadas à saúde, ao esporte, à assistência e ao desenvolvimento comunitário em Santa Cecília, entre elas projetos municipais e entidades da região.

Para Luciana, é justamente essa combinação que o setor precisa conhecer quando olha para a companhia. “O setor precisa conhecer a história da Polpa e entender como a empresa fabrica seu papel com responsabilidade, competência e qualidade. Precisa conhecer a valorização das pessoas e das famílias, a preocupação com o meio ambiente e os investimentos que foram feitos e continuam sendo realizados”, afirma.

A oficialização do nome Vila Polpa pode ser vista como o símbolo mais evidente dessa relação. Durante décadas, a comunidade construiu sua identidade a partir da presença da fábrica, até que a linguagem cotidiana se transformou em reconhecimento institucional.

A homenagem teve significado especial justamente porque não partiu de uma solicitação da companhia. “Já falávamos naturalmente em Vila Polpa, mas, quando precisávamos informar o endereço oficial, ainda era Faxinal das Águas. Ficamos muito felizes quando surgiu a proposta de mudança, porque não foi um pedido nosso; foi um reconhecimento do município. Sentimo-nos honrados por fazer parte dessa história e por ver a comunidade reconhecer o valor e o esforço construídos ao longo do tempo”, afirma Rita.

Em uma empresa que nasceu no mesmo território onde ainda hoje mantém sua única planta industrial, crescer nunca foi apenas uma decisão interna. As limitações e as oportunidades da região fazem parte do próprio planejamento do negócio. Ao mesmo tempo, a escala alcançada pela companhia faz com que suas decisões repercutam além dos portões da fábrica. Esse equilíbrio estará novamente no centro do próximo ciclo.

## O próximo ciclo

Aos 68 anos, a Polpa Papéis chega a uma etapa em que a história de recuperação dá lugar a um novo desafio: transformar estabilidade em uma plataforma para crescer.

A preparação de massa ainda está em fase de consolidação e deverá continuar sendo ajustada até que os ganhos de qualidade e regularidade sejam plenamente incorporados ao processo. Na sequência, a atenção se volta à parte úmida da máquina, aos sistemas de formação, aos acionamentos, à secagem e a novas oportunidades de automação.

O objetivo é construir uma operação mais estável, reduzir variabilidade e preparar a fábrica para uma futura elevação do volume sem comprometer aquilo que a empresa considera seu principal ativo comercial: a confiança no produto.

“Hoje já fazemos um papel de qualidade e temos o respeito do mercado. Agora, vamos melhorar ainda mais aquilo que fazemos de melhor”, afirma Andre Fernando Baldo.

No mercado, o desafio é aprofundar a especialização e, ao mesmo tempo, ampliar as possibilidades do papel maculatura. Tubos e tubetes continuarão sendo aplicações centrais, especialmente diante da demanda dos segmentos tissue e de outras cadeias industriais, mas a companhia observa novos espaços para produtos que possam substituir materiais menos circulares.

A capacidade de desenvolver o papel de acordo com a realidade de cada cliente será uma das ferramentas para avançar nesses mercados. Mais do que entregar uma gramatura, a Polpa pretende continuar trabalhando sobre resistência, colagem, delaminação, teor de cinzas e outras propriedades capazes de melhorar o desempenho do processo de conversão.

Para Ritchaderson, a especialização permite competir não apenas pelo preço, mas pela capacidade de entregar um material adequado ao uso final. Em um mercado no qual o papel maculatura pode ser percebido como uma *commodity*, o desafio comercial é mostrar que pequenas diferenças de desempenho repercutem na produtividade do cliente, na geração de refugos, nas paradas e na qualidade do produto final.

Na fábrica, a mesma lógica leva a empresa a priorizar qualidade antes de volume. A companhia não descarta a expansão, entretanto, procura construir uma sequência na qual a estabilidade do processo anteceda qualquer aceleração mais significativa.

“Primeiro precisamos estabilizar o processo, elevar a qualidade e organizar a casa. Com essa base consolidada, poderemos acelerar o crescimento de forma consistente”, afirma Torrecilhas.

Na Vila Polpa, outros projetos também continuam em andamento. A conclusão das 20 residências restantes do plano de 35 novas casas deverá ampliar a renovação da estrutura habitacional. A perspectiva de pavimentação do acesso representa outro possível marco para uma comunidade que, durante décadas, conviveu com as limitações de uma localização rural. As iniciativas do Saber Viver seguem sendo ampliadas conforme as necessidades identificadas entre colaboradores e famílias.

Ao mesmo tempo, a empresa pretende continuar investindo em automação, inovação, pessoas e novas oportunidades de mercado.

Para Rita, o crescimento futuro precisa preservar uma condição essencial: a capacidade de gerar valor sem romper a relação construída com as pessoas e o território. “A Polpa que imagino para os próximos anos é uma empresa que continue crescendo com qualidade e respeito, para que possamos dar perenidade à companhia e continuidade a esse trabalho. Planejamos seguir investindo em automação, cuidando das pessoas, inovando e atendendo às oportunidades e necessidades do mercado”, afirma.

Essa visão encerra um ciclo e, ao mesmo tempo, retoma um princípio presente no Recomeço. Em 2017, sem acesso amplo a crédito e com equipamentos que precisavam de investimentos, a empresa não podia construir sua retomada a partir da escala. Precisou começar pela confiança: garantir os salários, recuperar a qualidade, cumprir os prazos e mostrar ao mercado que seria capaz de entregar aquilo que havia prometido.

Quase uma década depois, em uma condição diferente, a lógica permanece reconhecível. A Polpa investe em equipamentos, mas procura preservar o conhecimento de profissionais com décadas de experiência. Moderniza a preparação de massa, mas não quer acelerar a produção antes de estabilizar o processo. Busca novos mercados, mas decidiu concentrar-se em um produto no qual pretende ser especialista. Transforma quase 32 mil toneladas de aparas por ano em novo papel e, ao mesmo tempo, procura rastrear a origem da matéria-prima. Investe na operação industrial, bem como em casas, conectividade, saúde, educação e infraestrutura.

Ao longo de 68 anos, produtos mudaram, gerações se sucederam e diferentes ciclos chegaram ao fim. A antiga Polpa de Madeiras tornou-se Polpa Papéis. A Faxinal das Águas tornou-se, oficialmente, Vila Polpa. Uma empresa que começou produzindo pasta mecânica escolheu se especializar em um papel feito integralmente de matéria-prima reciclada. Uma operação que, em determinado momento, precisou trabalhar com equipamentos sucateados e recursos escassos prepara agora uma nova etapa de automação e modernização.

Ao transformar aparas descartadas em um novo papel, a Polpa encontrou na circularidade uma metáfora involuntária para a própria história. Um material que parece ter chegado ao fim de sua vida retorna ao processo, é reorganizado, ganha novas propriedades e volta ao mercado com outra função. Na trajetória da companhia, diferentes momentos também funcionaram dessa maneira. Ciclos se encerraram, mas o conhecimento, as pessoas e parte da experiência acumulada se tornaram matéria-prima para aquilo que veio depois.

Talvez seja essa a principal contribuição que a empresa leva para seus 68 anos. Não apenas as milhares de toneladas de papel produzidas, os empregos gerados ou os investimentos realizados, mas a capacidade de atravessar transformações preservando uma relação de continuidade entre indústria, pessoas e território.

Para Luciana, essa permanência é justamente o que transforma a história empresarial em legado. “O maior legado



da Polpa não está apenas na produção de papel, mas nas vidas que ajudou a transformar. A empresa cresceu junto com Santa Cecília, valorizou as pessoas e construiu uma marca que atravessa gerações.”

E, para Rita, chegar aos 68 anos não significa apenas olhar para aquilo que já foi construído. Significa assumir a responsabilidade pelo que ainda poderá ser. “O futuro depende do que cada um fizer. Desejo que as pessoas acreditem e trabalhem

para construir algo melhor. Para nós, crescer significa fazer isso com qualidade, respeito e responsabilidade, garantindo a perenidade da empresa e continuando a contribuir com as pessoas, com a comunidade e com o papel brasileiro.” ■

## *Linha do Tempo / 68 anos de transformação*



### **1958 – Fundação e pasta mecânica**

A Polpa de Madeiras é fundada em 26 de dezembro por Lugindo Dall'Asta e João Santo Damo, em Santa Cecília-SC, com produção de pasta mecânica destinada às fábricas de papel da região.



### **1974 – Papelão Paraná**

A empresa inicia uma nova etapa industrial com a fabricação de Papelão Paraná.



### **1976 a 2007 – Madeira serrada e beneficiada**

A operação também atua no processamento de madeira destinada à exportação.



### **1982 – Cartão duplex**



### **1985 – Cartão para fósforos**

### **1990 – Papel maculatura**

O produto que posteriormente se tornaria o foco da companhia passa a integrar o portfólio.



### **2013 – Arrendamento da planta industrial**



### **2017 – O Recomeço**

A operação é retomada sob a liderança de Rita de Fátima Pinto. A Polpa de Madeiras passa a atuar como Polpa Papéis e concentra sua produção no papel maculatura.

### **2019 – Projeto Saber Viver**

A companhia estrutura um programa voltado à saúde, conhecimento, qualidade de vida e fortalecimento comunitário.



### **2023 – ISO 9001**

A empresa conquista a certificação de gestão da qualidade, reforçando a padronização dos processos.

### **Nova etapa industrial**

Investimentos em preparação de massa, geração de energia, automação, qualidade e estabilidade de processo abrem uma nova fase de modernização.

### **2026 – 68 anos e Vila Polpa**

A antiga Faxinal das Águas consolida oficialmente uma identidade construída ao longo de décadas: tornar-se Vila Polpa.



Confira as fotos em tamanho ampliado neste ícone clicável da versão digital [www.opapeldigital.org.br](http://www.opapeldigital.org.br)